

“As futuras gerações talvez não acreditarão que uma pessoa assim andou em carne e osso pela Terra”

—ALBERT EINSTEIN,
falando do Mahatma Gandhi

Gandhi: Apóstolo da Não-Violência

Condensado de
MANKIND

EM OUTUBRO último transcorreu o 100.º aniversário do nascimento de um dos homens que mais sacudiram e impulsionearam o mundo—Mohandas Karamchand Gandhi. Fisicamente débil, nem sempre seguro de si mesmo nem do rumo a seguir, mesmo assim êle atingiu a posição de supremo idealizador da independência da Índia.

Às imensas multidões de lavradores e párias da Índia êle levou uma mensagem de esperança. Com seus óculos bifocais, o seu manto, o seu *dhoti* (fralda) e suas sandálias, o relógio pendurado de um cordão passado pela cintura, Gandhi foi para êles o profeta da nova Índia—um homem de Deus vindo para libertá-los.

Êle foi a ponte sôbre a fenda entre



os intelectuais e os aldeões analfabetos. Diferente deles, êle era um deles.

Servo de todos, êle falava como os pobres da Índia ainda não tinham ouvido ninguém falar.

Gandhi não era um santo; êle se irritava e se aborrecia, e não tinha paciência para os tolos. Não era um homem simples; era complexo e até

sinuoso quando necessário. Acima de tudo, era incansável na defesa dos interesses da Índia. "Quase todos os dias novos ideais, novas visões, novas idéias eram apresentadas à nação", diz seu amigo G. D. Birla.

Uma das mais duradouras dessas idéias foi a da *satyagraha*, ou não-violência gandhiana. Muita incompreensão ainda cerca essa técnica pacífica de revolta. Ela não tem relação com as obscenidades lançadas pelos participantes das "greves brancas" de hoje, nem com as brutalidades da autoridade. Para Gandhi, a *satyagraha*, ou "fôrça da verdade", era mais poderosa do que a guerra ou a revolução violenta; a vitória estava assegurada porque, nas palavras de um estadista indiano, a *satyagraha* era a "resistência ao mal, baseada em Deus e na crença em sua infalível soberania". O opositor não deve sentir ódio por quem lhe faz mal, e o mal não deve ser respondi-

do com o mal. A desobediência deve ser anunciada com antecedência, e a pessoa deve estar disposta até a morrer por acreditar que a verdade que ela defende é mais importante do que a própria vida.

É um remédio bastante forte. Nas mãos de Gandhi êle se mostrou suficientemente forte para plasmar o destino de uma nação.

Nasce o Sonho. Êle nasceu em Porbandar, Estado situado na parte ocidental da Índia. Seu pai era o Primeiro-Ministro. Aos 18 anos embarcou para a Inglaterra a fim de estudar Direito. Tomou aulas de Francês, de Dança e de Elocução com o fim de passar por um *gentleman* inglês, mas logo desistiu ao descobrir que estava gastando dinheiro escasso na aquisição de qualidades que pouco valor tinham na Índia.

Pela primeira vez na vida êle leu os livros devocionais, inclusive o *Bhagavad Gita* e o Sermão da Montanha. "Êles foram direto ao meu coração", escreveu êle depois. "Os versos 'Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volve também a outra', agradaram-me em extremo." No dia 11 de junho de 1891 êle passou nos exames finais do curso de Direito e no dia seguinte embarcou para a Índia.

Mas a África do Sul, e não a Índia, é que foi a residência seguinte de

Gandhi. Uma firma de mercadores muçulmanos, envolvida numa ação judiciária naquela terra fértil para onde haviam imigrado milhares de indianos, propôs em 1893 que Gandhi fôsse lá ajudar os advogados da firma. Gandhi aceitou prontamente a proposta. Chegando em Durban, êle comprou uma passagem de primeira classe para Johannesburg. Mas um passageiro branco que tomou o trem em Maritzburg, indignado, recusou-se a viajar no mesmo compartimento com um cule—nome pejorativo dos trabalhadores indianos na África do Sul. Gandhi foi obrigado a desembarcar com sua bagagem e ficou tiritando a noite toda na fria sala de espera da estação.

Anos depois êle se referiu a essa noite humildemente como a mais proveitosa de sua vida. “Minha não-violência ativa começou naquela data”, disse êle.

Daí por diante o objetivo de Gandhi não foi revidar, mas modificar a situação... pacificamente. Primeiro, êle aconselhou seus compatriotas indianos a se modificarem: serem mais corretos nos negócios, aprenderem inglês, esquecerem distinções de casta e religião. Ajudou a fundar uma sociedade de auxílio, e na guerra entre a Inglaterra e os bôeres (1899-1902) organizou um corpo voluntário de ambulância de 1.100 pessoas, pelo que os ingleses lhe deram a Medalha Sul-Africana da Rainha.

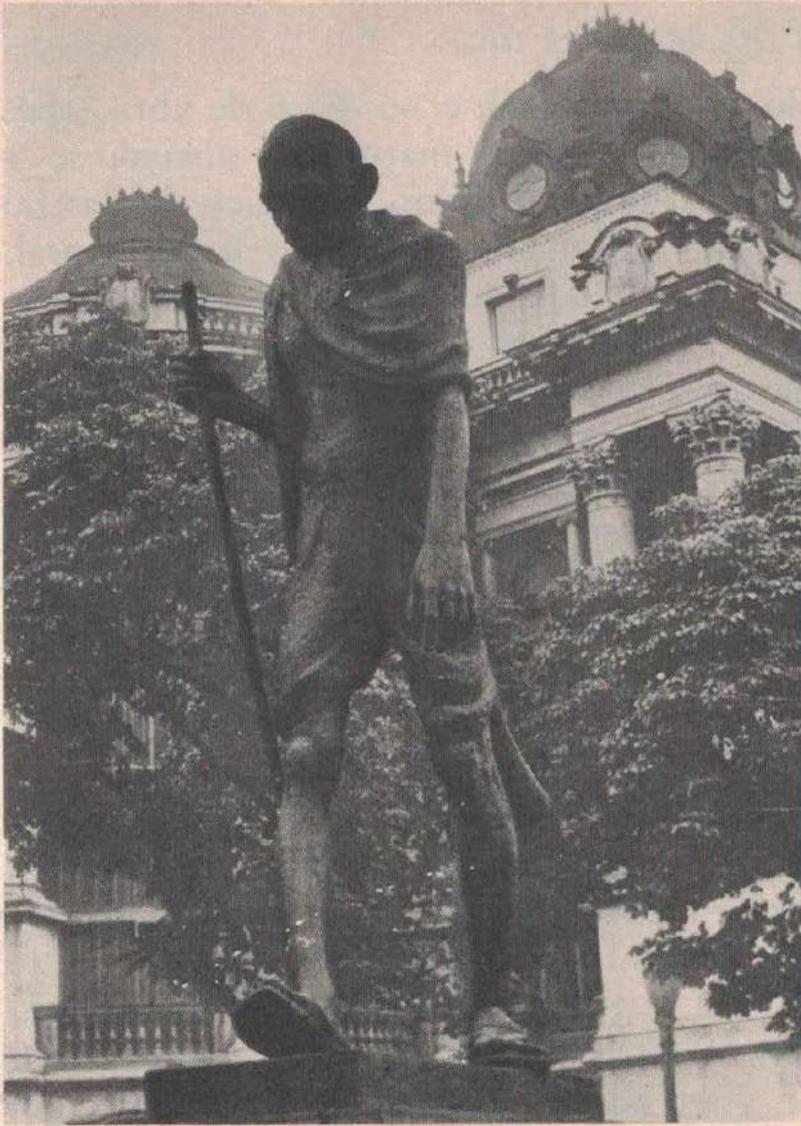
Êle começou também a reorganizar a sua própria maneira de viver, a simplificar suas necessidades e re-

duzir despesas, e empreendeu a educação de seus filhos. (De acôrdo com um costume hindu ortodoxo, que êle mais tarde deplorou, Gandhi casou-se aos 13 anos com a filha também criança de um rico comerciante.) Comprou um sítio perto de Durban e, com outros companheiros de ideal, começou uma vida de trabalho comunal e rigorosa disciplina.

Pouco depois nascia a *satyagraha*. A primeira ocasião de aplicá-la ocorreu em 1907 no Transvaal. A lei no Transvaal exigia que os indianos se registrassem e carregassem um passe. Depois o Supremo Tribunal da África do Sul decidiu que só os casamentos cristãos eram legais; com isso as espôsas hindus, muçulmanas e parsis passavam a concubinas. Gandhi organizou a resistência não-violenta. Houve uma ocasião em que 50.000 trabalhadores indianos contratados entraram em greve de solidariedade. Milhares de indianos foram presos, entre êles Gandhi, sem resistência às duras represálias do govêrno.

Após oito anos de lutas o govêrno revogou a mais repugnante das leis discriminatórias. Uma nova fôrça política tinha nascido.

“**Sofrer com Êles**”. Terminado o seu trabalho na África, Gandhi partiu para a Índia em 1915. Durante um ano, viajando de trem, carro de boi e a pé, êle teve contato com a impressionante situação dos pobres da Índia. Um dia, numa reunião da Universidade Hindu de Benares, êle falou francamente em uma “Índia



No Rio de Janeiro, na praça que tem o seu nome, uma estátua de bronze do Mahatma Gandhi, de autoria do conhecido arquiteto indiano Sankho Chaudhuri, doada pelo Governo da Índia, lembra aos brasileiros a figura do grande líder indiano. A estátua pesa duas toneladas e foi inaugurada em fevereiro de 1965 pelo então Governador da Guanabara, Carlos Lacerda. O centenário do nascimento de Gandhi foi comemorado em todo o Brasil com a realização da "Semana de Gandhi" —27 de setembro a 2 de outubro— organizada pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, agência oficial da UNESCO no Brasil.

da história anglo-indiana, um conflito do qual Gandhi emergiu como líder inofensivo da luta pela independência da Índia, o homem com quem a Inglaterra teria de tratar daí por diante.

livre". No Estado de Bihar, êle organizou—com sucesso—uma *satyagraha* contra os proprietários de terras ingleses. E em Ahmadabad dirigiu outra *satyagraha* contra proprietários de fábricas de tecidos, muitos dos quais eram seus amigos. Os grevistas comprometeram-se a não recorrer a violências, mas a fome começou a abalar essa promessa. "Eu vi a luz", escreveu Gandhi, e começou a jejuar—para passar fome como êles passavam. A greve foi solucionada, e os olhos de tôda a Índia se voltaram para aquêle advogado incansável, alegre e cortês.

Não-Cooperação. A seguir veio um dos mais decisivos acontecimentos

Para acalmar a turbulenta cidade de Amritsar, no Punjab, o general inglês Reginald Dyer publicou um edito proibindo reuniões públicas. Ou por desconhecê-lo, ou mesmo para desafiá-lo, 10.000 indianos reuniram-se em uma área arborizada cercada de muros e tendo apenas uma saída principal. Indignado, Dyer mandou seus soldados dispararem contra o povo. Quase 400 indianos foram mortos e mais de 1.000 feridos.

O massacre amargurou Gandhi e parece que mudou para sempre a sua atitude para com a Inglaterra. Um nôvo tipo de revolta contra os ingleses foi iniciado por êle—a não-cooperação. Essa revolta assumiu muitas formas. Declarou êle que os indianos não deviam comprar nem usar te-

cidos estrangeiros, por exemplo, e logo grandes fogueiras consumiam saris, xales e *dhotis* feitos de tecidos ingleses e atirados às chamas por patriotas.

Mas o boicote foi longe demais. Multidões começaram a linchar e matar policiais. Repentinamente, Gandhi suspendeu a campanha de não-cooperação, para desconsôlo dos políticos indianos que esperavam uma vitória rápida, sem ligarem para a violência dos meios.

O próprio Gandhi foi prêso. (Ele passou 249 dias de prisão na África e 2.089 na Índia.) Sôlto, viajou de aldeia a aldeia, pregando igualdade para as mulheres, coletando dinheiro, tecendo algodão para dar exemplo público aos pobres, e marcando tempo. Parecia que havia abandonado a política.

Mas no dia 12 de março de 1930, êle empreendeu "o mais estranho e o mais brilhante repto político dos tempos modernos", no dizer do historiador inglês Geoffrey Ashe—a famosa Marcha do Sal, que durou 14 dias. Tôda a Índia usava sal, mas nenhum indiano tinha permissão de extraí-lo; todos deviam comprá-lo do monopólio oficial, e isso os irritava. Gandhi encontrou nisso um grande motivo para desafiar os ingleses. Comunicou ao Vice-Rei da Índia ("meu bom amigo", dizia Gandhi) que ia desobedecer à proibição e aconselhar seus compatriotas a fazerem o mesmo.

Naquele dia Gandhi iniciou uma caminhada de 388 quilômetros até

ao litoral, e no dia 6 de abril, após as preces matutinas, abaixou-se e praticou o ato simbólico de desafio apanhando um torrão de sal natural. A Índia acompanhou-o bravamente. Milhares de aldeões começaram a extrair sal para seu uso, a despeito do risco de punição. Em poucas semanas quase 100.000 homens e mulheres estavam presos, Gandhi novamente entre êles. Mas a Marcha do Sal e suas conseqüências revelaram ao mundo a determinação da Índia de dirigir seus próprios destinos.

O Horror da Intocabilidade. Um dos constantes objetivos de Gandhi era "purificar a Índia"—principalmente acabar com a vergonha da Intocabilidade. Êle aceitava certos aspectos do sistema hindu de castas, mas fora dêle viviam 40 milhões de Intocáveis—"filhos de Deus", como Gandhi os chamava. Êles eram repelidos pelos hindus de casta, eram forçados a limpar latrinas e varrer estradas, não podiam entrar em templos de casta nem apanhar água em poços de casta; pecados cometidos em vida anterior condenavam-nos a viverem abjetamente nesta vida.

Quando o Govêrno inglês propôs um "eleitorado separado" para os Intocáveis em 1932, sob uma nova constituição para a Índia, Gandhi foi contra. Os Intocáveis eram hindus, e os sentimentos dos hindus para com os Intocáveis deviam mudar.

Apesar de estar prêso na ocasião, Gandhi iniciou um "jejum até a morte". Treze dias depois, magro e abatido, êle suspendeu o jejum: tô-

das as partes haviam chegado a um acôrdo. Talvez pela primeira vez em séculos, Intocáveis e hindus de casta sentaram-se à mesma mesa para comer. “Se o fim da Intocabilidade dependeu de um ato só”, escreveu um observador indiano, “pode-se dizer que êsse ato foi o jejum de Gandhi.”

Mas a Índia tinha ainda outro grande problema—o velho antagonismo entre hindus e muçulmanos. Gandhi disse que hindus e muçulmanos deviam trabalhar e viver juntos como uma nação numa Índia livre. Seria possível essa união? Ninguém sabe ao certo; havia hindus e muçulmanos que desejavam ardorosamente a partilha da Índia em duas nações; e Mohammed Ali Jinnah, o inflexível presidente da Liga Muçulmana, decidira irrevogavelmente que a união era impossível.

Uma nação muçulmana, o Paquistão, devia ser formada com parte da Índia, disse Jinnah, e essa nação seria a pátria de todo muçulmano que optasse por ela. Em 1946, Jinnah lançou um “Dia de Ação Direta” em Bengala com o fim de chamar a atenção para suas exigências. A matança varreu Calcutá; milhares de pessoas foram mortas na cidade superpovoada. Naquele agôsto fatídico o indiano não-violento era um mito.

De Noakhali, em Bengala, logo chegaram notícias de terríveis represálias. Já com 77 anos, Gandhi vivia no bairro dos Intocáveis de Déli. Imediatamente êle deixou a capital e seguiu para o barril de

pólvora de Noakhali. “No nobre livro da vida de Gandhi êsse capítulo é o mais nobre”, escreveu um indiano. “Numa região onde 80% do povo eram muçulmanos, na maioria hostis, e onde bandos de fanáticos sem lei assaltavam nos campos, Gandhi armou sua tenda, recusando proteção policial e aceitando apenas um intérprete e uma secretária.” Andou 187 quilômetros descalço, de aldeia a aldeia, na lama e no pântano, acalmando os habitantes. Levou nisso quatro meses, e a violência amainou por algum tempo.

“**A Luz se Apagou**”. O dia glorioso da independência raiou para a Índia a 15 de agôsto de 1947. Para o Mahatma foi ao mesmo tempo um dia de vitória e de derrota. A Índia estava livre, mas “vivissecada”, disse êle—dividida em duas nações, Índia e Paquistão. No Punjab, onde muçulmanos passavam para Oeste, rumo ao Paquistão, e hindus e sikhs passavam para Leste, rumo à Índia—trocando de residência—êles colidiam. Centenas de milhares morreram numa das maiores matanças coletivas da História. O Estado de Bengala também foi dividido—mas aí Gandhi interveio e não houve tragédia.

Quando os distúrbios explodiram em Calcutá, Gandhi iniciou um jejum para durar até ao fim da desordem. Quatro dias depois, 35 *goondas* (malfeitores) atiraram-se diante de Gandhi implorando perdão por seus crimes e pedindo-lhe que suspendesse o jejum. “É impossível descrever

em palavras essa cena magnífica”, escreveu Manubehn Gandhi, amigo íntimo do Mahatma. “Era um quadro vivo da vitória que um ser humano pequeno e frágil conseguira pelo amor.” Diante do seu leito, líderes hindus, muçulmanos e sikhs prometeram cessar a matança—promessa que cumpriram fielmente. Ao contrário do Punjab, Bengala entrou tranqüilamente na nova era.*

Em princípios de janeiro de 1948, Gandhi jejuou uma vez mais—para restabelecer a amizade entre muçulmanos e hindus na perturbada Déli. E também insistiu com o Govêrno do Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru para que assumisse a obrigação de pagar ao Paquistão a importância de 550 milhões de rupias, a parte que tocava à nova nação no saldo de caixa da Índia indivisa. A Índia relutou em cumprir essa obrigação: o ódio gerado pela partilha e a guerra em Cachemira já haviam envenenado as relações entre as duas nações. Gandhi insistiu, e a Índia acabou cedendo. Dias depois, êle foi informado de que a sangrenta onda de violência estava amainando, e tomou alguns goles de líquido para quebrar o jejum. Dizem que mais de 200.000 cidadãos assinaram o compromisso de “promover uma atmosfera de segurança e amizade em Déli”.

As 4h 30min da tarde de 30 de

janeiro, Gandhi fêz sua refeição noturna e foi ao jardim para assistir à habitual reunião de preces. Um jovem indiano abriu caminho por entre a multidão, ajoelhou-se diante de Gandhi com as mãos postas como num gesto de obediência e disparou três tiros de uma pistola automática. Gandhi caiu e disse: “*Hai Ram! Hai Ram!*” (Ó Deus! Ó Deus!) Levaram-no para dentro, onde êle morreu, vítima de um grupo extremista hindu que o considerava por demais parcial a favor dos muçulmanos. “A luz apagou-se de nossa vida”, disse Nehru, abatido, a tôda a Índia pelo rádio, “e há treva por tôda a parte.”

Vinte e um anos depois, que podemos dizer em retrospecto? É certo que ninguém comparável a Gandhi palmilhou as estradas poeirentas da Índia; e a Índia o amou como raramente amou outro antes dêle. Gandhi retribuiu êsse amor trabalhando sem descanso pela fraternidade entre hindus e muçulmanos, entre Intocáveis e hindus de casta. Apóstolo da não-violência, êle conduziu a Índia à liberdade por meios originais, pacíficos e sem idéia de vingança. Fundador de sua nação, êle tinha uma fé inquebrantável na capacidade de todo ser humano de atingir culminâncias aparentemente além do seu alcance.



A MANEIRA mais rápida de fazer muitas coisas é fazer só uma coisa de cada vez.

—The Irish Digest